



Hagadá de Pessach

Da Escravidão à Liberdade

מעבדות לחירות



Porto Alegre

Introdução

Pessach é um momento para se passar com os familiares. Sendo assim, este ano decidimos reunir a “família Habonim Dror” para celebrar esse chag que é tão importante para o nosso povo.

Consideramos o Seder de Pessach um marco educativo que tem como finalidade transmitir valores judaicos. Portanto, gostaríamos de aproveitar esse evento para passar o conteúdo de acordo com a nossa visão de judaísmo, que é a seguinte:

“Judaísmo: Definimos nosso judaísmo como Judaísmo Cultural Humanista. Pois acreditamos que o judaísmo é uma civilização que possui povo, nação, idioma, história, tradições, uma cultura e uma religião que faz parte dessa cultura, e porque os valores dessa cultura se relacionam diretamente com o bem-estar do ser humano e a busca do mesmo, como tzedaká, tikun olam, educação e outros.

O judaísmo cultural humanista está intrínseco na ideologia do Habonim Dror como um todo. Acreditamos que Israel é o centro da civilização judaica e, o advento do sionismo revolucionou a maneira pela qual podemos manifestar nosso judaísmo. Acreditamos também que o judaísmo visa a liberdade e dignidade do povo judeu assim como a liberdade e dignidade de todo ser humano e todos os povos. Os seres humanos têm a responsabilidade de resolver problemas humanos. Atzedaká, que é a justiça e ação social, e a tikun olam, que é o compromisso com melhorar o mundo, são valores fundamentalmente judaicos. Adotamos o socialismo por acreditar que seja a maneira política de pôr em prática esses valores.

O judaísmo vê a educação como instrumento de preservação da identidade judaica e de seus valores culturais, e assim, como a utilizamos, é também um instrumento de transformação.

O chaver do Habonim Dror deve buscar se vincular com o judaísmo de forma ativa praticando sua cultura, suas festividades, suas tradições, seu ciclo de vida, criando e mantendo seus rituais, estimulando o estudo de sua história, sua filosofia, literatura e todo tipo de manifestação cultural judaica, em um ambiente livre e pluralista. Deve também se conectar com o passado, o presente e o futuro do povo judeu, valorizando e preservando sua história, preocupando-se com seu estado atual suprindo suas necessidades e desenvolvendo-o em um caminho mais humanista, e comprometendo-se com seu futuro participando da sua construção para concretizar nossos objetivos atuais.”



Um Seder para os nossos dias

(Moacyr Scliar)

Esta mesa em torno à qual nos reunimos, esta mesa com as matzót e com as ervas amargas, esta mesa de Pessach com sua toalha imaculada, esta mesa não é uma mesa: é mágica embarcação com a qual navegamos pelas brumas do passado, em busca das memórias de nosso povo.

A esta mesa sentemo-nos, pois.

Somos muitos, nesta noite.

Somos os que estão e os que já foram: somos os pais e os filhos, e somos também os nossos antepassados. Somos um povo inteiro, em torno a esta mesa. Aqui estamos, para celebrar, aqui estamos para dar testemunho.

Dar testemunho é a missão maior do judaísmo. Dar testemunho é distinguir entre a luz e as trevas, entre o justo e o injusto. É relembrar os tempos que passaram para que deles se extraia o presente a sua lição.

Olhemos, pois, a matzá que está sobre a mesa.

Este é o pão da pobreza que comeram os nossos antepassados na terra do Egito. Quem tiver fome – e muitos são os que têm fome, neste mundo em que vivemos – que venha e coma. Quem estiver necessitado – e muitos são os que amargam necessidades, neste mundo em que vivemos – que venha e celebre conosco o Pessach. É o legado ético de nosso povo, a mensagem contida neste simples alimento, neste pão ázimo que o sustentou no deserto, e o que o vem sustentando ao longo das gerações. É preciso ser justo e solidário, é preciso amparar o fraco e ajudar o desvalido.

O deserto que hoje temos de atravessar não é uma extensão de areia estéril, calcinada pelo sol implacável. É o deserto da desconfiança, da hostilidade, da alienação de seres humanos. Para esta travessia temos de nos munir das reservas morais que o judaísmo acumulou, das poucas e simples verdades que constituem a sabedoria do povo. Ama teu próximo como a ti mesmo. Reparte com ele teu pão. Convida-o para tua mesa. Ajuda-o a atravessar o deserto de sua existência.

Tu me perguntas, meu filho, e eu te agradeço. Porque, se me perguntas, não posso esquecer: se indagas, não posso ficar calado. Por tua voz inocente, meu filho, fala a nossa consciência. Tua voz me conduz à verdade.

Por que esta noite é diferente de todas as noites, meu filho?

Porque esta noite lembramos.

Lembramos os que foram escravos no Egito, aqueles sobre cujo dorso estalava o látigo do Faraó.

Lembramos a fome, o cansaço, o suor, o sangue, as lágrimas.

Lembramos o desamparo dos oprimidos diante da arrogância dos poderosos.

Lembramos com alívio: é o passado.

Lembramos com tristeza: é o presente.

Ainda existem Faraós. Ainda existem escravos.

Os Faraós modernos já não constroem pirâmides, mas sim estruturas de poder e impérios financeiros. Os Faraós modernos já não usam apenas o látigo: submetem corações e mentes mediante técnicas sofisticadas.

Seus escravos se contam aos milhões, neste mundo em que vivemos. São os negros privados de seus direitos, na África do Sul; os poetas que, em Cuba, não podem

publicar seus versos; os imigrantes a quem, na Europa, está reservado o trabalho pesado e a hostilidade dos grupos fascistas; os refuseniks soviéticos que clamam por sua identidade; as mulheres e os jovens fanatizados pelo regime do Aiatolá, os prisioneiros políticos do Chile, os famélicos do Sahel e do nordeste brasileiro, as populações indígenas lentamente exterminadas em tantos lugares; os operários explorados e os camponeses sem terra.

Para estes, ainda não chegou o dia da travessia.

Estes ainda não encontraram a sua Terra Prometida.

Para eles, a vida ainda é amarga como o maror.

É a eles também que lembramos nesta noite, meu filho. Com eles repartimos, em imaginação, o nosso pedaço de matzá.

Não sejas como o ingênuo, que ignora os dramas de seu mundo.

Não sejas como o perverso, que os conhece, mas nada faz para mudar a situação.

Pergunta, meu filho, pergunta tudo o que queres saber – a dúvida é o caminho para o conhecimento.

Mas quando te tornares sábio, procura usar a tua sabedoria em benefício dos outros.

Reparte-a, como hoje repartimos nossa matzá. Segue o conselho de nossos sábios, e lembra a saída do Egito, não só na noite de Pessach, mas todos os dias de tua vida.

Chag Sameach!

Hineh Ma Tov

הנה מה טוב ומה נעים, שבת אחים גם יחד
הנה מה טוב ומה נעים, שבת אחים גם יחד
הנה מה טוב, שבת אחים גם יחד
הנה מה טוב, שבת אחיות גם יחד

Hineh ma tov uma

na'im

Shevet achim gam

yachad.

Hineh ma tov uma

na'im

Shevet achim gam

yachad.

Refrão

Hineh ma tov

Shevet achim gam

yachad.

Que bom e agradável é

Quando irmãos e irmãs

sentam-se juntos

Que bom e agradável é

Quando irmãos e irmãs

sentam-se juntos

Refrão

Que bom é

Quando irmãos e irmãs

sentam-se juntos



Pragas

Todo ano relembramos a história de Pessach: desde os tempos de escravidão até o recebimento das tábuas da lei. No entanto, de que maneira poderíamos incrementar nossa comemoração? Será que uma história que se passou há mais de 3000 anos consegue ainda ser impactante?

Embora antiga, Pessach possui valores e significados que podemos facilmente trazer para os dias de hoje. As 10 pragas que atormentaram o Egito antigo foram:

1. Sangue (דם) - (*Dam*)
2. Rãs (צפרדע) - (*Tsifardeah*)
3. Piolhos (כנים) - (*Kinim*)
4. Animais Selvagens (ערוב) - (*Arov*)
5. Peste (דבר) - (*Dever*)
6. Sarna (שחין) - (*Shchin*)
7. Granizo (ברד) - (*Barad*)
8. Gafanhotos (ארבה) - (*Arbeh*)
9. Escuridão (חשך) - (*Choshech*)
10. Morte dos Primogênitos (מכת בכורות) - (*Makat bechorot*)

No entanto, o que elas representam para nós? Como podemos nos conectar e criar empatia com eventos que estão fora da nossa realidade e concepção de mundo? Para nós, as 10 pragas de hoje em dia talvez sejam:

1. Ganância
2. Desigualdade Social
3. Poluição
4. Individualismo
5. Alienação
6. Comodismo
7. Fanatismo
8. Regimes Autoritários
9. Preconceito
10. Consumismo

Avadim Hayinu

עבדים היינו, היינו,
עתה בני חורין, בני חורין,
עבדים היינו,
עתה, עתה, בני חורין, בני חורין.

Avadim hayinu, hayinu
Ata b'nai chorin, b'nai
chorin.
Avadim hayinu
Ata, ata, b'nai chorin
Avadim hayinu
Ata ata b'nai chorin,
b'nai chorin.

Fomos escravos, fomos,
Agora somos livres,
somos livres

Reflexão da História

Éramos escravos no Egito. Por anos vivemos sob o chicote e o domínio dos egípcios. Finalmente, saímos da opressão do Faraó para a Liberdade na Terra Prometida.

E hoje em dia, há escravidão ainda? Quem é o Faraó e quem são os escravos de hoje em dia?

- O sistema em que vivemos, representado pelas grandes corporações, impera absoluto. Os escravos seríamos todos nós.

Então, chegamos a uma peça importante na história: o líder, a voz do povo, aquele que luta pelos seus direitos como cidadão. Hoje em dia, diferentemente de antigamente, os movimentos sociais não têm mais um grande e carismático líder. Não podemos ficar esperando que alguém nos salve. Todos podemos ser Moisés, mas para tanto é necessário independência e vontade em querer mudar a realidade que nos cerca.

“SE NÃO EU POR MIM, QUEM POR MIM? SE NÃO AGORA, QUANDO?” (Hillel)

A saída do Egito se concretizou devido à união do povo e a busca por um ideal comum. A força de uma kvutzá (grupo) sobrepõe-se ao trabalho de apenas um indivíduo.

A idéia de liberdade é simples ao mesmo tempo em que é complexa. Pode-se compreender que um indivíduo que sai da escravidão está caminhando no sentido da liberdade. No entanto, o que significa para um povo ser livre?

O povo judeu, ao sair do Egito, foi até Eretz Israel, um local que não tinha as melhores condições climáticas e estava cheio de inimigos. Por que não ir para qualquer outro lugar menos inóspito e se inserir no meio de alguma outra civilização?

- Porque não haveria liberdade. Acreditamos que um povo é totalmente livre quando é soberano em algum território. Por isso acreditamos que como povo temos o direito de ter uma nação e que Israel é o lar nacional do povo judeu, ontem e hoje.

Ma Nishtanah

*Mah nishtanah,
halaylah hazeh mi kol
halaylot?
Sheb'chol halaylot anu
ochlim, chameytz
umatzah. Hlaylah
hazeh, kuloh matzah
Sheb'khol halaylot anu
ochlim sh'ar virakot,
Halaylah hazeh, maror
Sheb'chol halaylot ayn
anu mat'bilim ofilu,
pa'am echat. Ha.laylah,
hazeh, sh'tay p'amim.
She b'chol haeylot anu
ochlim bayn yoshbin
ubain mesubim. Halayla
hazeh, culanu mesubim.*

*Por que é esta noite
diferente das demais
noites?
Que em todas as noites
comemos chametz ou
matzah. Esta noite
somente matzah.
Que em todas as noites
comemos todos os
vegetais, esta noite
maror.
Que em todas as noites
não molhamos os
alimentos nem sequer
uma só vez. Esta noite
duas vezes.
Que em todas as noites
comemos sentados ou
recostados, esta noite
todos recostados.*

מה נשתנה הלילה הזה
מכל הלילות?
שבכל הלילות אנו אוכלין
חמץ ומצה, הלילה הזה -
כלו מצה.
שבכל הלילות אנו אוכלין
שאר ירקות, - הלילה
הזה מרור.
שבכל הלילות אין אנו
מטבילין אפילו פעם אחת,
- הלילה הזה שתי פעמים.
שבכל הלילות אנו אוכלין
בין יושבין ובין מסבין, -
הלילה הזה גלנו מסבין.

Um Seder Cancelado

Na noite de 18 de Abril de 1943, jovens judeus do movimento juvenil Hashomer Hatzair se preparavam para comemorar o Seder quando um informante trouxe a notícia que a polícia polonesa havia cercado o Gueto e que tropas nazistas estavam se agrupando. Em sua preleção antes da batalha Mordechai Anielewicz, 24 anos, comandante da ZOB (Zydowska Organizacja Bojowa ? Organização de Combate Judaica) assegurava aos seus comandados "... meses de luta nos labirintos do Gueto, se conseguirmos armas o inimigo pagará com rios de sangue...". Meses de luta? Rios de sangue nazista? Mordechai falava como se estivesse na véspera de uma batalha entre dois verdadeiros exércitos. Os jovens comandantes com suas pistolas se deliciavam com as imagens de poder revidar em espécie ao inimigo.

O Levante do Gueto de Varsóvia foi único em seu gênero na história da humanidade. Foi uma revolta fadada ao fracasso antes de começar tendo a rendição dos combatentes equivalente a uma condenação à morte. Era uma revolta que não contava com surpresa na qual o inimigo ditava as condições e os locais de combate, provocada por um grupo totalmente isolado. Cerca de 1500 combatentes judeus, sem nenhum treinamento, alguns organizados, na maioria desorganizados, com armas leves enfrentariam a fúria da maior e mais bem organizada máquina de guerra do Século XX, o exército nazista da Alemanha. Os judeus levavam duas grandes vantagens: a vontade de lutar até a morte e, paradoxalmente, o labirinto do Gueto. A grande diferença, entretanto, entre milhares de batalhas entre inimigos fortes e fracos é que esta era a primeira vez em quase 2000 anos, desde Bar Kochba, que os judeus se revoltavam, pegavam em armas e se defendiam.

O Seder foi interrompido e o preparo para a batalha iniciado. No dia 19 de Abril, às 6 horas da manhã, o general Juergen Stroop esperava ouvir do Coronel Von Sammern-Frankenegg o resultado de sua incursão no Gueto. O coronel encabeçando 850 homens da elite da SS com 16 oficiais marcharam dentro do Gueto em formação cerrada. Dois tanques acompanhavam as tropas e 2000 homens estavam de prontidão como reforços. Havia mais 7000 homens prontos para intervir caso a revolta se espalhasse por Varsóvia.

Zivia Lubetkin observava a entrada de "centenas" de alemães pelo portão da rua Nalewki. Os combatentes deixaram os nazistas penetrarem o suficiente dentro do Gueto e a armadilha se fechou. Granadas, coquetéis molotov e tiros no meio das tropas nazistas deixaram dezenas de mortos e feridos no chão. Os nazistas corriam para todos os lados em fuga abandonando seus colegas feridos e gritando apavorados "os judeus estão armados... há mulheres atirando...".

Neste primeiro dia de Pessach, um bando de judeus acuados, desesperados, condenados à morte apenas por terem nascido judeus, havia decidido resistir e conseguiu esvaziar o Gueto de forças inimigas sem sofrer uma única baixa. O dia seguinte seria diferente, mas, neste primeiro dia foi erguida uma bandeira sionista, azul e branca com a estrela de David, sobre um território reduzido de cerca de 100 ruas de Varsóvia. Era o primeiro território independente e soberano judeu desde a destruição do Segundo Templo. Foi o primeiro tiro dado na Guerra de Independência do Estado de Israel que declararia sua independência cinco anos mais tarde.

Pessach, a festa da liberdade que comemoramos todo ano como se nossa geração tivesse saído do Egito, também deve ser comemorada como se cada um de nós tivesse dado um tiro em Varsóvia.

Bibliografia: The Bravest Battle de Dan Kurzman ? Pinnacle Books 1976

Autor: Alain Bigio



Bashaná Habaha

Bashana habaha neshev
al hamirpesset venispor
tziporim nodedot
leladim bechufsha
issachku tofesset
Beein habait Le bein
hassadot
Od tire od tire cama tov
ihie
Bashana bashana habaa

No ano que vem
sentaremos na varanda
E contaremos pássaros
migratórios
As crianças nas férias
jogam esconde-
esconde
Entre a casa e os
campos!
Você ver~~á~~, você ver~~á~~
Como será bom no ano
que vem!

בשנה הבאה נשב על המרפסת
ונספור ציפורים נודדות
ילדים בחופשה ישחקו תופסת
בין הבית לבין השדות
עוד תראה, עוד תראה
כמה טוב יהיה
בשנה, בשנה הבאה